

## **PALAVRA DE PROFESSOR: ENSINO, LEITURA E LITERATURA SOB O FOCO DOS DOCENTES DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Micheline Madureira Lage – IFG

***Este artigo origina-se de trabalho de pesquisa realizado no período de 2007 a 2010, envolvendo todos os cursos de Letras/licenciatura localizados na região de Minas Gerais, à época. Utilizaram-se recortes de entrevistas realizadas com docentes de literatura de sete universidades: Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Ouro Preto, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de São João Del Rei, Universidade Federal do Triângulo Mineiro e Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo foi ouvir as vozes desses professores, no que concerne às relações entre leitura/literatura e ensino em Cursos de Letras, analisando-se em que medida essas vozes eram harmonizadas ou dissonantes.***

Entrevistei dezoito professores. Destes, seis ocupavam a função de gestores dos cursos e doze eram docentes da área literária e membros do colegiado de curso. Para chegar aos resultados, foi necessário recorrer, várias vezes, a cada entrevista, gravada em áudio, ouvindo-a repetidamente. Neste trabalho serão enfatizadas as entrevistas com os doze professores específicos da área literária. A metodologia utilizada para o tratamento das entrevistas foi a chamada *Análise de Conteúdo*, tal como caracterizada por Laurence Bardin, (1995). Entremeadas à metodologia estão as noções-chave de letramento literário, de Graça Paulino (1998), bem como os pressupostos da Estética da Recepção e de autores advindos da Teoria Literária em sintonia com a ideia do dialogismo bakhtiniano.

As entrevistas passaram por várias transcrições até se chegar a textos de referência. Após várias leituras desses textos, foi possível fazer recortes e criar categorias de análise com as respostas ao “Roteiro de Entrevista”. Neste roteiro busquei, em primeira instância, conhecer: a formação do professor, o tempo em que ele trabalhava na Instituição e quais disciplinas ele lecionava/ou havia lecionado.

O roteiro dividia-se, ainda, em dez questões, que almejavam apreender a ênfase que o professor dava às aulas de literatura, os objetivos que ele buscava alcançar, os recursos didáticos de que lançava mão, se as aulas eram dadas sob o viés da periodização literária ou não, qual a função da Teoria Literária para o ensino de literatura, como era a relação do professor com o cânone literário, se ele, enfim, discutia “ensino” nas aulas de literatura.

Algumas questões foram agrupadas e resultaram nas seguintes categorias de análise: “Aula de literatura”; “Relação professor/correntes teóricas”, “Relação professor/autores”; “Relação literatura/ensino”. Nas releituras dos textos de referência, um assunto pareceu-me recorrente. Tratava-se da questão do leitor de hoje, de como o aluno de Letras chega à universidade na atualidade. Assim, outra categoria foi construída: “Relação professor de literatura/aluno-leitor”. Neste trabalho, tratarei, pois, de maneira mais aprofundada, da

análise da categoria “Aula de literatura” e, no fechamento do texto, discorrerei, de uma forma mais generalizada, acerca dos resultados relacionados às outras categorias.

### Dando voz aos sujeitos da pesquisa: o que suas palavras revelam?

Um fato que me impressionou desde a primeira leitura das entrevistas, e que se confirmou ao longo das análises, foi a diferença entre as vozes desses sujeitos. Lembro-me de que, durante o trabalho de campo, uma professora riu e disse-me assim: “você vai descobrir que cada um atira para um lado”, como se previsse o que eu encontraria.

As diferenças entre algumas dessas respostas serão mostradas a seguir. Cito, como exemplo, as respostas dadas em relação à categoria “Aula de Literatura”, que inclui as ênfases dadas pelo docente, ao lecionar a disciplina.

Depende, se a disciplina for uma disciplina do tópico, como a que eu praticamente todo semestre ofereço, eu enfatizo a questão da sensibilização do aluno para a leitura. Bem, se eu consigo cumprir com a minha programação, fazendo com que o aluno consiga, na finalização da graduação, reconhecer autores no tempo em que eles produziram a sua literatura, já me dou por satisfeita, porque ela vai do século XII, desde a batalha de São Mamede, até hoje, chegando aos autores contemporâneos. Então, são muitos séculos. E eu nunca trabalho de forma diacrônica, trabalho sempre em um viés sincrônico. De cara começo com questões relativas às problematizações da história da literatura, passo para os problemas filológicos e abordo os problemas hermenêuticos. Muitos problemas hermenêuticos. Depois, parto para os problemas super contemporâneos, da mídia, por exemplo. Abordo também como que essa dicotomia entre a escrita e a oralidade deve ser repensada, problematizada... Eu altero alguns autores, altero algumas cantigas, mudo os poetas contemporâneos, mas a tradição lírica, satírica se mantém. Depois trabalho Camões. Fico muito tempo com este autor, dou mais ênfase a ele. Mostro alguma coisa de Sá de Miranda. Apenas alguns sonetos. As mudanças nessa disciplina Introdutória são pequenas, porque eu prefiro levar o curso com discussões teóricas e discussões sobre os autores. Deixo para discutir questões próximas às minhas pesquisas, quando estou trabalhando com disciplinas optativas. Essa disciplina introdutória é obrigatória, o aluno não se forma sem passar por ela. *(Professor I da UFMG – ênfase dada às aulas de literatura).*

Bom, a minha formação é em História. Então, os aspectos social, cultural sempre são levantados. Mas a minha preocupação fundamental é com o texto literário. *(Professor II da UFMG – ênfase dada às aulas de literatura).*

Nos depoimentos, evidenciam-se duas preocupações: o primeiro professor demonstra importar-se com o leitor, principalmente quando leciona disciplinas introdutórias, para alunos que acabaram de entrar no curso. O segundo professor atém-se ao texto literário – a ênfase é, portanto, no texto – e nas questões extratextuais, como os aspectos sociais e culturais.

Ainda em relação aos professores da UFMG, vejamos os principais objetivos elencados para o ensino de literatura:

Bom, primeiro eu não saberia fazer mais nada na vida, a não ser dar aula (riso). Não saberia vender laranja, não saberia fazer nada. Literatura e sala de aula são duas coisas que me alimentam. Agora, sobre o meu objetivo em literatura... Primeiro, o que a gente convencionou chamar de literatura é apenas uma crença. Esse termo é pequeno demais para conter a literatura. O que seria a poesia? Poesia é esse soprão que vem aí. Nunca conseguiram definir ao certo a poesia. Nunca conseguiram colocá-la em amarras. Eu nunca dei literatura pensando em ensinar interpretações, ou acreditar, por exemplo, na concepção de que a literatura é um reflexo da sociedade. O meu principal objetivo ao lecionar literatura é mostrar a sua importância, o seu fascínio. Eu tento mostrar esse assombro que vem da literatura, porque a literatura interroga quem a lê e, principalmente, ensina demais. Veja que absurdo que é o livro. Como que um objeto pequeno, portátil, que você carrega para qualquer lugar, é capaz de te levar a tantos lugares? Você vai para qualquer país através do livro, em qualquer tempo e espaço. Ele é uma mídia. Bem diferente das novas tecnologias, mas é uma mídia. Eu tento mostrar aos alunos que o livro é uma mídia que ainda consegue informar e produzir conhecimento, mesmo diante das novas tecnologias. (*Professor I da UFMG – objetivos ao lecionar literatura*).

Bom, eu acho que é isso mesmo, é fazer com que o aluno perceba a literatura como uma forma de compreensão do mundo e do homem. (*Professor II da UFMG – objetivos ao lecionar literatura*).

No depoimento I, percebe-se certa filiação ao pensamento dos formalistas russos: no ato da leitura literária nossas suposições habituais são “desautomatizadas”. O “assombro” a que o professor se refere poderia ser entendido como o estranhamento que a linguagem literária suscita no leitor. Há, no elenco dos objetivos apresentados no depoimento I, uma ênfase na linguagem artística, no seu caráter inaudito e inaugural. No depoimento II, a ênfase recai para o entorno do texto literário: seus aspectos sociais e históricos – a relação entre literatura e mundo.

Vejamos, em seguida, os depoimentos dos docentes da UFV:

Nas minhas aulas eu enfatizo a leitura das obras literárias e a formação do crítico literário, do aluno como crítico. [...] De certo modo, é fazer o

aluno se interessar pela Literatura Brasileira. O meu principal objetivo é fazer o aluno se interessar pela Literatura Brasileira a ponto de querer desenvolver pesquisa, publicar, desde a graduação. (*Professor I da UFV – ênfases e objetivos ao lecionar literatura*).

Passemos ao depoimento do segundo professor:

A questão é muito interessante, porque você tem, por um lado, uma expectativa de que você vai trabalhar grandes teorias, que você vai apresentar para os alunos questões que são bem específicas da Teoria, conceitos aristotélicos, conceitos de crítica. Mas o que a gente tem? A gente tem uma clientela que está vindo com uma formação de ensino médio muito ruim. Ou seja, que formação esses alunos têm da literatura quando eles estudam no ensino básico, ensino fundamental? A gente começa a ter um descompasso, porque a realidade deles é heterogênea, existem alunos que nunca viram literatura e outros que já conhecem algo. Primeiramente, eu procuro dar um nivelamento na disciplina, no sentido de aprofundar, depois, algumas coisas que serão importantes, alguns conceitos que depois serão importantes mesmo para disciplinas específicas de literatura estrangeira ou literatura brasileira que eles vão ter futuramente. Bom, depois desse nivelamento, é claro que, basicamente, a gente trabalha três obras que são, para mim, fundamentais dentro da Teoria, que é trabalhar a *Poética*, de Aristóteles, a *Odisséia*, de Homero, dou mais trabalhos com gêneros trágicos com a leitura do *Édipo Rei*, para que eles tenham uma noção do gênero, uma noção até mesmo da própria narrativa e alguns princípios narrativos de base da Teoria. E, além disso, eu acho que existe um ponto fundamental que a gente na Letras precisa tomar um pouco mais de cuidado, que é atentar para a questão da própria leitura. Não dar a teoria meramente pela teoria, porque a gente aqui não tem uma situação favorável apenas para a teorização. O perfil dos alunos demanda a passagem da teoria para a prática. Então, respondendo ao ponto central dessa pergunta, meu foco seria realmente “ensinar os alunos a ler literatura”. Junto com as teorias eu também trabalho com contos, poemas; enfim, textos que iremos interpretar, do ponto de vista dos aspectos literários propriamente ditos. (*Professor II da UFV – ênfase dada às aulas de literatura*).

Eu acho que a preocupação maior é a formação de leitores. Eu parto do princípio de que esses alunos serão professores. Independente da especialização deles, seja inglês, francês ou português, eles serão professores e, na minha concepção, esses professores de Letras é que serão os mediadores para formação de novos leitores. (*Professor II da UFV – objetivos ao lecionar literatura*).

Esses depoimentos mostram haver objetivos diferentes em relação às aulas de literatura entre os professores da mesma instituição: uma professora enfatiza a própria obra literária, ou seja, o texto, e objetiva, com isso, a formação do crítico literário; outra

professora desloca a atenção para a formação do leitor – preocupa-se em “ensinar o aluno a ler literatura”, tendo como finalidade maior a formação do professor de Letras.

Algumas diferenças no tratamento do cânone, questões que entraram na categoria “Relação professor/autores”, também surgiram. Por exemplo, na UFMG, assim se pronunciou um professor:

Trabalho principalmente com autores do cânone. Acho importante isso. Minha relação com o cânone é de harmonia completa. Eu acho que, para o aluno que está em formação, é imprescindível que saia da universidade sabendo razoavelmente sobre autores que são fundamentais na História da Literatura. No caso da História da Literatura Brasileira, então, não dá para um aluno sair do curso de Letras sem ter lido Euclides da Cunha, por exemplo, que é um autor pesado, ou Guimarães Rosa, que é um autor que é muito prazeroso de se ler, mas que é muito difícil. Olha, nessa disciplina, eu estou trabalhando com Gregório de Matos, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cruz e Souza, Murilo Mendes. (*Professor I da UFMG – relação com autores do cânone literário*).

Vejamos o depoimento de outro professor da mesma instituição:

Eu não acho que eu trabalho de uma forma canônica. Eu não acredito em uma lista [referindo-se aos autores clássicos] perene... Eu detesto Harold Bloom [autor que escreveu *O cânone ocidental*]. Para mim, literatura é uma conversa continuada, e não tem por que ela ficar conversando, se não tiver conversa. Sem essa conversa, a literatura acaba. O papel do comentador é fundamental. Eu me vejo muito como comentadora. Se os textos causam comentários, então são textos artísticos. O cânone vai e volta. Ele não é perene. Veja o caso do Gregório de Matos, que não era lido no tempo dele, e, depois, veio com toda força. Olha a literatura inglesa, quantos autores não eram sequer lidos, depois tiveram a absolvição ali, no tempo deles, e que, depois, nada... Ficaram novamente esquecidos... Eu não acredito no cânone como se fosse algo distante, acho que Camões faz perguntas até hoje. Fernando Pessoa interroga o tempo inteiro. Eu trabalho em sala de aula vários autores, vários poetas que ninguém conhece, se você for pesquisar na História da Literatura, não vai encontrá-los lá, listados. Não significa, com isso, que eu não vá trabalhar com autores representativos, não é isso... Eu gosto de trabalhar estes autores ao lado de outros e problematizar a ideia do cânone. Eu mostro que junto com o conceito de cânone, há a ideia do movimento, sabe? (*Professor II da UFMG – relação com autores do cânone literário*).

Pareceu-me que, no depoimento I, o conceito de cânone é mais tradicional, clássico; no depoimento II, a questão do cânone aparece problematizada. No depoimento I percebe-

se também juízos de valor: Euclides da Cunha é um “autor pesado”, Guimarães Rosa é um “autor difícil”.

Ainda tratando das diferenças entre as vozes, na “Relação professores/autores do cânone”, aparece o depoimento negativo acerca do teórico Harold Bloom, como vimos acima. Já em outro depoimento, de uma professora de outra instituição, a fala em relação ao referido teórico, é outra:

Trabalho com autores do cânone universal, como Shakespeare. Agora, falando de críticos, por exemplo, um que, para mim, é fundamental, é o Harold Bloom, que escreveu *A invenção do humano*, ao discorrer sobre Shakespeare. Aliás, o Harold Bloom é o *expert* em Shakespeare, então, quando eu entro no Renascimento - em literatura inglesa - não tem jeito. Ele é o crítico que me dá todo o suporte teórico. E na própria prática de ensino que eu vou começar este semestre ele também é fundamental, porque ele tem o livro *O cânone ocidental*. (*Professor I da UFTM – relação com autores do cânone literário*).

Tratando novamente da categoria “Aula de Literatura”, apresento dois depoimentos para mostrar as diferenças encontradas nas respostas de docentes da UFSJ em relação à pergunta: “Quais são os seus principais objetivos ao lecionar literatura?”

Formar um professor sem preconceito com nenhum gênero literário, que não tenha aversão a nenhum tipo de literatura porque ele [o aluno, futuro professor] vai trabalhar com jovens, que não têm esse tipo de preconceito. O nosso curso é noturno e eu posso dosar com eles a quantidade de leitura, mas eu não abro mão da qualidade. E o objetivo maior é dar uma formação muito sólida. Durante muito tempo a literatura ficou uma coisa de segunda mão na escola. Uma perfumaria dentro da escola. Eu digo de quinta à oitava série, porque no ensino médio ela era sempre retomada em função do vestibular. Então, eu penso que precisamos inculcar no aluno que a literatura é um meio importante de abrir sua visão de mundo, de ter acesso ao conhecimento mesmo. Eu digo [a professora aqui falou em um tom de ironia] que ela não serve para nada a não ser tornar sua mente aberta para o resto que você precisa enxergar. (*Professor I da UFSJ – objetivos ao lecionar literatura*).

Um deles é tornar acessível o acesso aos bens literários. Há alunos, por exemplo, que nunca ouviram falar de Paulo Leminsky e eu diria que não é por ignorância ou pelo desinteresse. Isso acontece, porque, às vezes, na cidade deles, não há biblioteca. Então, eles passam a conhecer os autores aqui, na Academia. Por isso um dos meus objetivos é fazer a literatura circular, seja aquela que era publicada em folhetins até aquela presente nos livros mais atuais, que eu trago de

casa e coloco nas mãos deles. Às vezes eu trago para eles edições que eu tomei contato em importantes eventos culturais, ou que as editoras novas mandam para mim, por exemplo, o lançamento da nova edição de *Grande Sertão Veredas*. Assim, um dos objetivos é despertar o gosto pelos livros, depois o como fazer, ou seja, como fazer para que os alunos possam desenvolver suas próprias habilidades como leitores. Além disso, eles precisam escrever algo a respeito do que leram. Eu acho importante formar esse crítico. Esse crítico literário, esse crítico social também, porque a literatura – e isso é muito complicado – ela retrata a realidade. Não é bem isso e é isso. Porque ela diz sobre o mundo. Machado de Assis disse sobre seu tempo e ele o tornou atemporal, na medida em que o leitor consegue ler o Brasil também em suas obras. (*Professor II da UFSJ – objetivos ao lecionar literatura*).

Na primeira resposta, ressalta-se a preocupação com a formação do professor; na segunda resposta, enfatiza-se a questão de desenvolvimento do gosto pela leitura e, assim, a possibilidade de se formar o crítico literário e o crítico social.

Sabe-se que a universidade, o ambiente acadêmico, é o lugar mesmo de encontros e desencontros, de amplas discussões e diferenças de pensamento. Então, poderíamos refletir, não é importante e rico esse resultado em que as vozes se diversificam? Nesse caso, parafraseando uma canção do Caetano Veloso, a sensação que tive é a de que, no âmbito da literatura e de seu ensino, “alguma coisa está fora da ordem...”. Ou, valendo das palavras da entrevistada, “cada um está atirando para um lado”. Não há necessidade de uma concordância coletiva, mas seria interessante que houvesse uma harmonia entre professores de um mesmo departamento, uma linha de pensamento que norteasse os rumos do ensino da literatura. Tudo isso para que o aluno saísse da graduação sabendo “o quê ensinar”, “como ensinar”, “para quê ensinar” e “para quem ensinar”.

Ou seja, ao se formar em Letras, o aluno deveria, minimamente, saber como agir quando estivesse no contexto de uma determinada escola, com um determinado público, com características e necessidades próprias. Além disso, sem essa coesão entre os professores de literatura, os livros didáticos de Língua Portuguesa permanecerão sem mudanças no que tange às questões literárias. As fragilidades na Educação Básica quanto ao ensino de literatura continuarão a existir. A ausência de diálogos mais profícuos entre os professores de literatura pode ter reflexos negativos tanto no currículo do Ensino Superior, quanto no currículo da Educação Básica. Não defendo aqui uma “camisa de força” para o ensinar literatura, mas parâmetros claros. Se isso não acontece nem mesmo entre os pares de um só departamento, como pensar nessa possibilidade para Minas Gerais ou, até mesmo, para o Brasil?

A sociedade de hoje é uma ameaça para a literatura, pois, em toda parte, é o instrumentalismo estreito que reina, é o discurso da adaptação e da utilidade momentânea que prevalece. Como justificar a presença da disciplina Literatura na escola, se a própria sociedade pragmática a esmaga? Some-se a isso um não-engajamento por parte dos professores dessa área para que se visualizem currículos em que a Literatura passe a não mais figurar ou a existir com carga horária reduzidíssima.

Talvez essas vozes tão diversificadas dos professores de literatura do Ensino

Superior, somadas ao desinteresse por pesquisas que articulem literatura/ensino, conforme revelam suas formações,<sup>1</sup> sejam possíveis respostas à pergunta da professora Maria Alice Faria (1987, p. 83):

[...] Por que órgãos do governo, quando discutem o ensino do português, onde se dá um papel tão importante à literatura, só recorrem aos lingüistas como conselheiros e consultores? É um mistério que eu gostaria de desvendar...<sup>2</sup>

Certa harmonia nas concepções sobre o ensino de literatura entre os professores da Educação Superior e diretrizes comuns aos cursos de Letras certamente teriam repercussões positivas na publicação de livros didáticos de Língua Portuguesa no que se refere ao trato do texto literário, nas políticas públicas de ensino de língua e linguagem e, assim, na qualidade do trabalho do professor que atuará nos ensinos Fundamental e Médio. Porém, apesar da diversidade de vozes, é possível traçar um panorama em relação às categorias criadas para o desenvolvimento da pesquisa, objeto deste artigo. É o que farei a seguir.

### **Aula de Literatura - Síntese**

Quanto à categoria de análise, “Aula de Literatura”, no que diz respeito às ênfases dadas às disciplinas ministradas na área literária, encontrei respostas que agrupei nos seguintes itens:

- a – Preocupação maior com o texto e com os elementos extratextuais;
- b – Busca de um equilíbrio entre a teoria e as leituras das obras;
- c – Ênfase na leitura;
- d – Ênfase no aluno (leitor).

Dos doze professores entrevistados, dois responderam que enfatizam o texto e o contexto (aspectos históricos, culturais, sociais, etc.); dois professores buscam um equilíbrio entre a teoria e a leitura das obras; seis docentes enfocam a leitura das obras e dois docentes deslocam a atenção para o leitor (o aluno).

As diferentes respostas tiveram, certamente, relação com a própria História da Teoria Literária<sup>3</sup>. Poderíamos resumir a História da Teoria Literária da seguinte forma: preocupação com o autor (Romantismo e Século XIX – perpetua na crítica literária a inclinação historicista e o biografismo), preocupação exclusiva com o texto (New Criticism

---

<sup>1</sup> Apenas uma professora entre os entrevistados apresentou formação com interface na área de Letras e Educação. Ao recorrer aos currículos “Lattes” dos docentes, verifiquei que apenas esta docente tinha pesquisas voltadas para a articulação entre literatura/ensino.

<sup>2</sup> Foi mantido o trema na palavra “lingüistas”, como constava no documento original.

<sup>3</sup> Para maior aprofundamento, consultar JAUSS (1994) e ZILBERMAN (1989).



– movimento crítico que se desenvolve a partir dos anos 30, nos Estados Unidos) e, nos últimos tempos, uma acentuada transferência de atenção para o leitor. A reflexão que move a chamada Estética da Recepção, por exemplo, preocupa-se, sobretudo, com as operações receptivas, ou seja, com os procedimentos efetuados pelo leitor no contato com a obra e suas consequências na conformação do público (a receptividade da obra em sentido amplo).

Observa-se, a partir dessa trajetória histórica, a ênfase em três pólos: nos *autores* (produtores literários), nesse período predominou o chamado biografismo; no *texto literário*, nesse momento a ênfase recai para o pólo da textualidade, representado pelo Formalismo e Marxismo, cujos métodos de análise veem o fato literário dentro de um círculo fechado de estética da produção e da representação e, por fim, ênfase no *público* (conjunto de receptores), no qual se considera a literatura enquanto *produção, recepção e comunicação*, em uma relação dinâmica entre *autor, obra e público*, representado pela Estética da Recepção. Poderíamos, portanto, dizer que a Teoria Literária se tem caracterizado por deslocar a sua atenção de um desses três pólos para outro. Entretanto, hoje é levada em conta acentuadamente a recepção e os aspectos contextuais, que impedem a visão de uma literatura fechada em si mesma. Por esse motivo, esperava uma maior ênfase no aluno, em seu papel de leitor.

### **Enfatizando o leitor: outras contribuições teóricas**

Não obstante os avanços da Teoria Literária em direção à valorização do sujeito-leitor, discussões em torno do que se convencionou chamar de *letramento* e, mais especificamente, *letramento literário*, estão em voga no cenário acadêmico atual. São conceitos que também dão atenção para os processos que envolvem as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico. Além disso, pesquisadores das áreas de Letras e Educação vêm estudando os modos como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais dos sujeitos.

De acordo com Soares (1998), o conceito de *letramento* envolve um conjunto de fatores que varia de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas. Ainda na esteira de Soares (1998, p.39) podemos entender *letramento* como “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

Para Paulino (1998), o conceito de *letramento* pode ser pensado em relação à literatura. Como outros tipos de *letramento*, o literário continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura e escrita que não se reduzem à escola, mas passam por ela. A respeito da formação do leitor de literatura, destaca Paulino:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos

literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas lingüísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (1998, p. 8).

Se os cursos de Letras levam em consideração os estudos teóricos comentados, é bastante problemático o fato de apenas dois entrevistados demonstrarem, em seus discursos, que investem mais no aluno em seu papel de leitor e de futuro formador de novos leitores, nas aulas de literatura. Ou seja, não basta criticar a má formação escolar de leitores literários, também não basta discutir teoricamente o assunto, é preciso assegurar um encontro entre teoria e prática para que os discentes em Letras saibam, após a formatura, serem professores de literatura de forma eficiente.

No entanto, apesar das lacunas aqui expostas, percebe-se um avanço no modo de dar aulas de literatura no ensino superior se cotejarmos as respostas de hoje às que foram dadas a Komosinki (1992). À época em que a autora fez sua pesquisa, intitulada *Literatura nos cursos de Letras: um ensino centrado no leitor*, ela observou grande ênfase nos autores, e defendia uma maior atenção para com o aluno (leitor), nas aulas de literatura.

No caso de minha pesquisa, os aspectos contextuais também foram levados em conta por quase todos os professores entrevistados. A perspectiva comparativista foi enfatizada em muitas respostas, revelando a influência do dialogismo bakhtiniano na formação dos professores, copartícipes da pesquisa. Ou seja, a literatura não é vista por esses professores como um sistema fechado. Influenciados pelo pensamento bakhtiniano, para eles, a obra literária é uma construção polifônica, na qual várias vozes se cruzam, em um jogo dialógico, cruzando-se também várias ideologias, uma vez que a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações.

Depreende-se das respostas de tais docentes uma preocupação para com a leitura, porém, às vezes, surge, na “voz de alguns”, uma acepção de metodologia voltada para o estudo da literatura sob a forma rígida de controle e direção das leituras por parte do professor. O leitor não tem, muitas vezes, a sua voz fortalecida, como defendeu uma das docentes, pois no universo acadêmico atribui-se um peso muito grande à “voz” dos canais competentes, que seriam o próprio professor da disciplina, os teóricos que ele utiliza, os críticos literários aos quais ele recorre no trato com o texto literário. É ilustrativa, nesse sentido, a resposta de um dos docentes acerca do que enfatiza em suas aulas de literatura:

[...] a primeira dificuldade enorme que os professores de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira têm, que é hiper conhecida, é a ausência de qualquer contato com a literatura, com o texto literário, por parte dos alunos. Quando você vai ensinar uma disciplina como Teoria da Literatura, que supõe um mínimo de conhecimento, de repertório de leitura, as dificuldades são grandes. Então, o curso de Teoria da Literatura (Introdutório) consiste numa alternância de leituras de poemas, contos, novelas, peças, enfim textos mais curtos, alinhavados com a teoria. Para que o curso contemple uma quantidade razoável de

textos literários, *é necessário um controle muito fino e permanente dessas leituras. Assim, deve haver todo um planejamento entre o texto que é fornecido para ser lido e resumido e a entrega deste resumo, da discussão, ou seja, da interpretação básica*, porque nós não teríamos tempo no semestre para fazer interpretações mais aprofundadas, voltadas para esclarecer mecanismos e efeitos, quer da novela, do conto, quer do poema, com o fornecimento de noções básicas, vamos ver como isso vai acontecer. A avaliação também precisa ser diferente, então, provavelmente nem iremos recorrer a provas. Estas serão feitas a partir de respostas dos alunos, com seus resumos. (*Professor I, UFOP, destaques nossos*).

Mais uma vez é importante chamar a atenção para a pouca consciência dos professores entrevistados em relação ao aluno (leitor) como *novo formador de leitores* em seu futuro *papel de professor*. As respostas, em sua maioria, preocuparam-se com a leitura, com o desenvolvimento do gosto pela leitura, de um modo geral, mas não apresentaram o cuidado para com a formação do professor, nas aulas de literatura, como se espera em um curso de *licenciatura* em Letras.

## Considerações finais

De uma maneira sucinta, no que diz respeito às demais categorias de análise, obtivemos os seguintes resultados:

1) **Relação professor/correntes teóricas** – foi perguntado aos docentes se eles trabalhavam sob o viés da periodização literária. Dos doze respondentes, a metade disse que trabalhava nos moldes da periodização literária, porém de uma forma problematizadora, discutindo os limites da historiografia literária. As respostas de dois docentes chamaram à atenção, por se voltarem para a formação do aluno como futuro professor. Além do problema da historiografia oficial, esses docentes abordaram a questão relacionando-a com a realidade da sala de aula, preocupando-se em discutir itens importantes para o aluno quando este for também um professor atuante na Educação Básica. Em relação à pergunta sobre a função da Teoria Literária nas aulas de literatura, cujas respostas entraram na categoria de análise da qual estamos discorrendo, obtive depoimentos que foram divididos nas seguintes subcategorias:

- a - Respostas em que a Teoria da Literatura é criticizada;
- b - Respostas em que a Teoria da Literatura é considerada fundamental;
- c - Respostas que revelam ser a Teoria da Literatura um importante suporte para a leitura literária;
- d - Respostas em que se depreende uma preocupação por associar a Teoria da Literatura à prática dos alunos como futuros professores.

Dos doze professores da área de literatura entrevistados, dois apresentaram

respostas que se incluem no item “a”; três apresentaram depoimentos que, por uma organização didática, eu considero pertencentes ao item “b”; cinco revelaram ser a Teoria da Literatura um importante suporte para a leitura literária. Nas respostas desses professores, ocorreram palavras que associavam a Teoria Literária à “ferramenta”, “suporte”, “instrumental de análise”. Por fim, apenas duas respostas mostram a preocupação por associar a Teoria da Literatura à prática que o aluno terá em seu futuro papel de professor. Como exemplo, segue um recorte de entrevista, realizada com docente da UFV:

[...] Então, no primeiro momento, a aproximação tanto da teoria, quanto da prática, é a experiência com a leitura literária. Isso para tentar formar nos alunos de Letras o próprio gosto pela leitura, isso que já está tão falado, tão batido. É que, se a gente não fizer isso no curso de Letras, eu penso que depois eles [referindo-se aos alunos de Letras] se perdem na prática docente que vão executar ao longo da vida. Então, a minha preocupação dentro dessa disciplina, proporcionando a ponte com a teoria, com a experiência estética da leitura literária, é fazer com que os alunos leiam e gostem de ler e entendam realmente a importância da literatura, porque um dia eles serão professores, mediadores para a formação de novos leitores. (*Professor II, UFV*).

**2) Relação professor/autores literários** - todos os professores entrevistados demonstraram maior envolvimento com autores do cânone brasileiro/universal, principalmente nas matérias obrigatórias. Na Faculdade de Letras da UFMG, uma das professoras entrevistadas disse-me que está acontecendo, na referida Faculdade, um retorno ao cânone, pois, por influências teóricas diversas, os alunos estavam, por exemplo, saindo do curso sem ter lido sequer um poema de Camões.

Os professores de todas as instituições pesquisadas foram unânimes no reconhecimento do cânone como algo de fundamental importância na formação do aluno de Letras, porém demonstraram abertura para uma mescla de autores.

Quanto aos autores contemporâneos, os docentes afirmaram que os contemplam mais em disciplinas eletivas e que as disciplinas obrigatórias os impedem de dar um leque muito grande de autores. Essa queixa da falta de flexibilidade do currículo aparece na fala de alguns professores que se referiram ao currículo como uma espécie de engessamento da matéria.

Quando os docentes trabalham com Teoria da Literatura ou com matérias mais ligadas às suas pesquisas, ou em poesia, eles se sentem mais livres para intercalarem autores mais canônicos com outros menos conhecidos.

Com relação à pergunta “Você trabalha com autores locais? Quais?” percebi que, em cidades com forte tradição cultural, como Juiz de Fora e São João Del Rei, há uma abertura maior para a inserção de autores locais nos programas de ensino. Entretanto, cabe comentar que vários desses autores locais já adquiriram ares regionais e até universais pelo reconhecimento junto ao público. Na UFMG, uma professora se mostrou aberta à utilização de autores locais, apesar do fato de as disciplinas obrigatórias não permitirem ao professor escolhas muito pontuais em relação à seleção de autores.

**3) Relação literatura/ensino** - As perguntas feitas aos docentes as quais deram origem à categoria “Relação literatura/ensino” foram as seguintes: “Você discute ensino de literatura em suas aulas?” e “Você trabalha com alguma disciplina de caráter prático como Prática de Ensino de Língua/Literatura ou Estágio Curricular Supervisionado? De que maneira a literatura é abordada nessas disciplinas?” Por meio dessas questões, percebeu-se o ponto nevrálgico da literatura no ensino superior. Há, de maneira geral, uma resistência dos docentes em fazer a ponte entre literatura/educação. Existe, aliás, um distanciamento (geográfico e simbólico) das faculdades de Letras e das faculdades de Educação. Quase todas as universidades visitadas possuem as faculdades de Letras de um lado e as de Educação de outro. E, do ponto de vista do diálogo, uma dificuldade enorme de trocas de experiências e saberes.

Cursos de Letras localizados em cidades maiores (como em Belo Horizonte e Juiz de Fora), onde há uma predominância de uma cultura metropolitana, apresentaram uma realidade em que a formação do professor de literatura ocorre em um ambiente de pouco diálogo com a comunidade na qual estão inseridos e com as necessidades da Educação Básica. Percebi a configuração de quadro semelhante no curso de Letras da UFOP, cujos professores, em sua maioria, residem na capital mineira, em decorrência da proximidade geográfica dessas cidades. Pareceu-me claro que o lugar que a literatura ocupa em tais cursos carrega consigo um traço de distinção, de nobreza.

Observei que cursos de Letras localizados em cidades interioranas, por seu turno, voltaram-se mais para questões ligadas ao ensino, apresentando uma preocupação maior com a formação do professor de literatura. Ademais, em cidades como São João Del Rei, Viçosa, Uberaba, a comunidade acadêmica está mais próxima da população, havendo uma interação maior entre as demandas sociais e os trabalhos desenvolvidos pelas universidades. Porém, nessas Instituições, na visão dos professores entrevistados, há uma fragilidade maior no repertório cultural dos alunos, contexto que pode levar à “didatização” da literatura.

Com um olhar mais minucioso, capaz de abarcar microestruturas, detectei, entretanto, que algumas instituições já apontam para um diálogo entre literatura e educação, evidenciando a possibilidade – não isenta de tensões – de ultrapassagem da dicotomia distinção/pedagogização da literatura.

Sabemos que a universidade é o lugar, por assim dizer, da cultura legitimada e nela se estabelece um paradoxo, toda vez em que se busca uma cultura que não a dela própria. Se a universidade é o lugar da cultura letrada, legitimada, como buscar a indistinção dentro de um universo com uma série de artifícios voltados para a criação de distinções entre saberes e práticas? Termino este artigo com esta indagação e com um possível caminho: o diálogo entre os pares, entre as faculdades de Letras e de Educação, a articulação entre ensino e pesquisa, para que se possa despir do preconceito de que “ensino” é algo menor no bojo das reflexões acadêmicas e de que a “literatura” é “sagrada”, “distinta”, portanto avessa às articulações com a Educação.

## **REFERÊNCIAS:**

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

FARIA, Maria Alice. *Contramão I, II, III*. 1986-1987. 550 f. (Memorial apresentado no Concurso Público de Títulos e Provas para um cargo de Professor Titular, junto ao Departamento de Literatura, no Instituto de Letras, História e Psicologia da Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis.) UNESP-Assis, São Paulo: 1987. (Não publicado).

JAUSS, Hans-Robert. *A história da Literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

KOMOSINSKI, Lionira Maria Giacomuzzi. *Literatura nos cursos de Letras: um ensino centrado no leitor*. (Tese de Doutorado). PUR/RS: Porto Alegre, 1992.

PAULINO, Graça. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares*. Caxambu: ANPED, 1998. (Anais em CD ROM).

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.